

Modelo de saúde dá certo no Amapá

Programa desenvolvido por empresa na Amazônia reduz incidência de doenças da região

Doenças endêmicas como a malária, assim como as altas taxas de mortalidade infantil registradas na Amazônia, podem ser controladas com a criação de programas de saúde bem estruturados. A tese é defendida pelo especialista em Saúde Pública Hermelino Hebster Gusmão em seu livro Programa de Saúde Integrado ao Complexo de Infra-Estrutura Social em 25 Anos na Amazônia: 1961-1985. Trata-se de um apanhado de dados comparativos e tabelas, coletados durante 25 anos de trabalho em duas comunidades industriais do Amapá onde foram executados projetos de mineração.

Gusmão está empenhado desde 1957 na criação e administração do Programa de Saúde das Vilas Industriais de Serra do Navio e do Porto de Santana. Ao longo desse período, acompanhou o desenvolvimento do que considera uma espécie de "ratinho de laboratório" criado na selva amazônica.

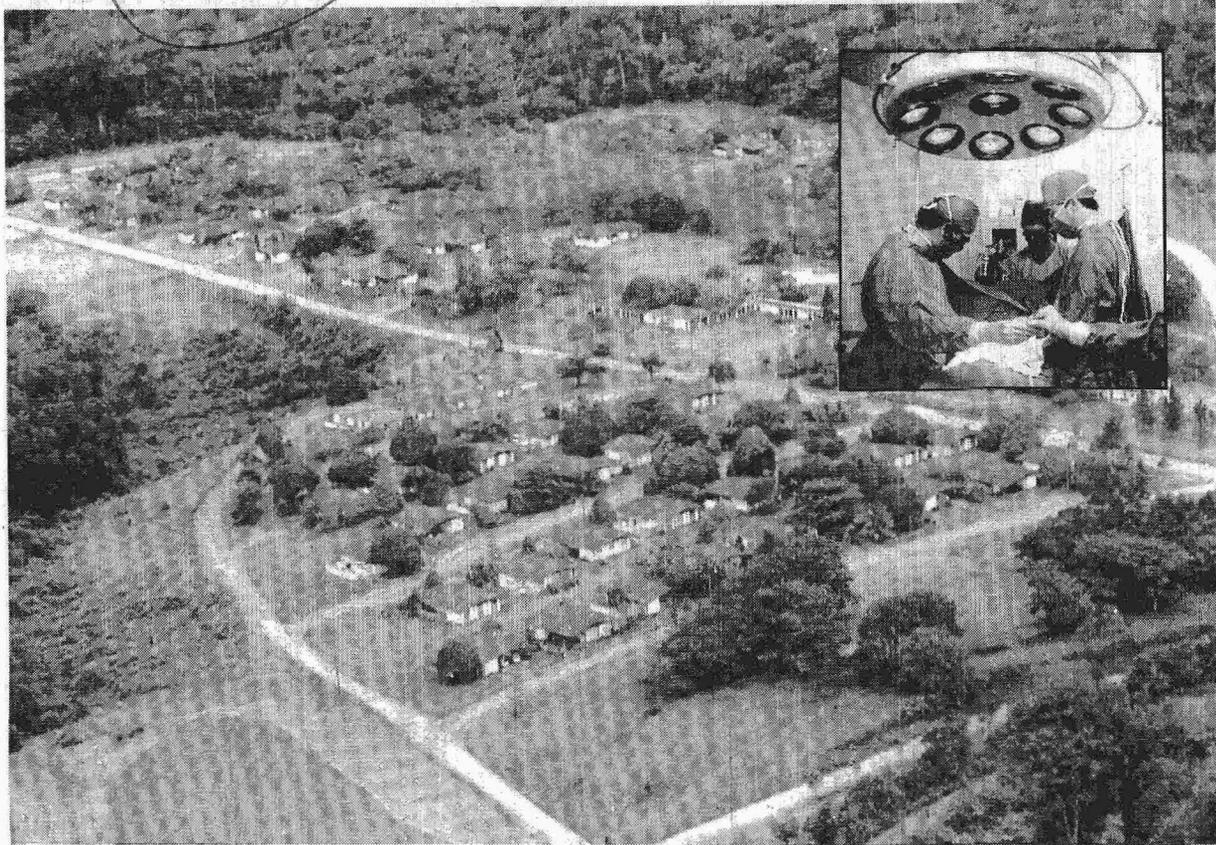
Os executores do programa conseguiram manter sob controle praticamente todas as condições básicas de saneamento, educação, trabalho e até mesmo nutrição de ambas as vilas construídas para os 4,5 mil funcionários da Indústria e Comércio de Minérios S/A (Icomi). Eles trabalham em suas minas de extração de manganês e no porto de embarque do mineral, separadas por uma estrada de ferro de 193 quilômetros.

O programa de saúde da Icomi começou a materializar-se logo as minas foram abertas, em 1957, com a ativação de uma divisão administrativa exclusivamente dedicada à saúde. Duas unidades — uma em cada vila — são mantidas por uma equipe de 102 profissionais do setor de saúde, entre médicos, enfermeiros, dentistas e técnicos de laboratório, a um custo anual de US\$ 1,7 milhão. Gusmão informou que o hospital de Serra do Navio, encravado na floresta, atende, além da população de funcionários, a cerca de 20 mil pessoas que moram à beira da estrada de ferro e não contam com nenhuma infra-estrutura sanitária.

BAIXA MORTALIDADE

Em comparação com as condições de vida dessa população, os habitantes das vilas de Serra do Navio e Porto de Santana estão em situação privilegiada. Os dados reunidos por Gusmão apontam para um decréscimo de 59,1% na taxa de mortalidade, que caiu de 26,34 óbitos por mil crianças nascidas vivas, no quinquênio de 1961 a 1965, para 10,78 por mil no quinquênio 1981-85.

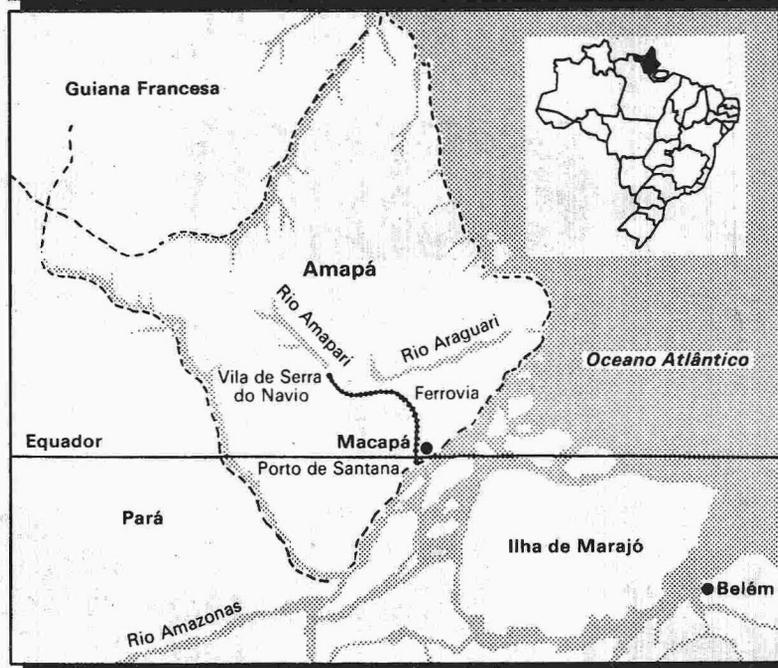
Não foi registrada na população infantil das duas vilas



Divulgação

Serra do Navio: programa de saúde iniciado em 1957 diminuiu mortalidade infantil em 59,1%

Onde fica



GERSON MORA/ArteEstado

mortes por difteria, varíola, coqueluche, febre amarela ou poliomielite. Gusmão afirma que nas principais capitais do País a taxa de mortalidade infantil foi, em 1987, de 64 óbitos por mil. "O programa comprova na prática uma teoria que os administradores de saúde pública nas grandes cidades simplesmente ignoram: não existe saúde sem infra-estrutura sanitária", criticou o sanitarista.

MALÁRIA

À malária, doença endêmica na região, foi dedicado um programa especial de controle. Os médicos controlaram o sangue da população com exa-

mes, mandaram erradicar os mosquitos transmissores da malária e adicionar cloroquina, que protege contra a doença, ao sal de cozinha.

Depois da primeira grande epidemia de malária nas comunidades, em 1961, o uso de sal cloroquinado passou a ser sistemático nas vilas da Icomi. Com isso, em 1974, enquanto a população não-residente na vila do Porto de Santana apresentava a incidência de 26,2 casos de malária por mil habitantes, a vila apresentou 5,2. Na Vila de Serra do Navio, no mesmo ano, as cifras foram de 9,2 por mil, enquanto entre a população não-residente a incidência foi calculada em 77,7 por mil.